



## AINDA O 1º ROMANCE CAFEIRO

Affonso de E. Taunay não poupou o primeiro romancista do café. Menciona um "conjunto de infantilidades e anacronismos, uma mizórdia de coisas orientais e reminiscências francesas..." Aponta Azambuja Suzano como responsável por palavrões pseudo-filosóficos e por processos do método confuso. Após meter o pau no romancista transcreve este trecho:

"E jasmim da Arábia (diz ele, sabendo a Mademoiselle Gelin) o sabroso Calheu dos Orientais, que faz hoje as delícias da corte.

— Ah! meu amigo, responde-lhe a mimosa criatura, é este o café com que dizem que um embaixador da Turquia miseava-se os senhores de Paris? E como se faz uso dele? Custa muito a crescer? Dá muita flor? Meu pai, mande-o plantar numa leira do jardim!

A vivacidade destas interrogações, multiplicadas, sem esperarem resposta, mostra bem o alvoroço do contentamento da jovem Gelin e suas irmãs, cada uma das quais fez ao mesmo tempo uma e outra dessas perguntas.

"Não sei que tempo tem já de nascido, responde Desclieux, às gentis interperantes.

Alancei-o com muito empenho de um amigo no Jardim Real. E muito custou-me trazê-lo salvo dos perigos que sofreu na viagem.

Em três anos, pouco mais ou menos, começa a deitar flor, que é um jasmim, como de Espanha, porém um pouco mais pequeno, mul cheroso e suave. Vem depois um baguinho verde que vai se tornando em vermelho, cór de púrpura reluzente quando fica maduro. Dentro tem uma muçilagem doce e duas sementes cobertas de um pergaminho branco, chatas de um lado e ovais do outro. Dentro do pergaminho é que está a fava saborosa, chamada propriamente café."

Passa depois o oficial a explicar as diversas manipulações, graças às quais se obtém o benefício do grão e afinal a preciosa bebida."

Acabara o Capitão Silvestre de se inteirar destas novidades, pela leitura do livrinho que Frei Veloso lhe dera, quando volta o nosso ilustre botânico à cela onde o amigo o esperava.

Mostra-se o fazendeiro irredutível. E aí ocorre um diálogo de primo cartello.

"O capitão fecha o livro e entrega-lhe o dizendo: — Isto é um livro de turcos e hereges, padre: gente cristã não anda lendo isto.

Eu gosto de ler a Magalona, o Imperador Clarimundo.

Sim! e também Carlos Magno é bom.

— Mas não viu aqui, retruca-lhe o autor da Flora Fluminense mostrando-lhe o livro que recebera, como o café é estimado por todas as nações

do mundo, e a diligência que todos fazem de o plantarem, o trabalho de o irem buscar lá na Arábia e na Índia?

Não é bom que o tenhamos aqui no Rio de Janeiro? e em vez de ir para os turcos e para os hereges o dinheiro com que ele se compra, ficar-mos por aqui nós com ele?

Homem, tome o meu conselho: plante o café, beneficie, seque bem a colheita e verá que dinheirão não lhe há de dar!

— Eu já dei-te fora as sementes; seja bom, seja ruim, não me importa. A cana, correndo bem o tempo, dá dinheiro, e sempre um homem goza da nobreza, e privilégio de senhor de engenho, que não ouço falar, que o café tenha, nem o algodão, nem o anil, que são lavorem de gente de sornasões.

Adeus, vim só visitá-lo e de noite o luar é bom, retro-me para o engenho.

— Pois adeus, muito obrigado pela sua visita; Deus o acompanhe.

Retira-se o bronco fazendeiro e o botânico monologa: — Se o vice-rei não obrigar estes homens, tarde temos café no Rio de Janeiro. Têm comumente os lavradores insuficiente instrução e, aferrados ao instinto dos seus maiores, não se arredam do seu rúde usual; cuidam que não há no mundo nada melhor do que o que eles fazem, e quando se lhes ensina outra coisa, amam-se e nem com a mesma experiência às vezes se convencem.

Deus nos dê paciência com estes araras (sic!), que ainda que se lhes ensine a falar, não lhes entra nenhum raciocínio; nada fazem senão da maneira e feição que seus trisavós fizeram.

Assim se decide o franciscano ao recurso da segunda parte do dilema inscrito no escudo nacional chileno. Vmas necessário de alguma aplicação, por demais rude, da exteriorização da vontade governamental, naqueles anos do "quero posso e mando", resolve esperar momento mais propício.

Logo que dos cafeeiros da horta de seu convento brota certa quantidade, considerável, de sementes, vai ter com o Marques do Lavrado e expõe-lhe o seu projeto que vê imediatamente aceite.

Ordena o vice-rei que os capitães das companhias de ordenações dos distritos rurais informem o que sabem dos resultados da distribuição das sementes de café.

E à vista das respostas íntima novamente a fazendeira da que venha à sua presença.

Verdadeiro pânico provoca a decisão do satrapa.

Indaga dos obstinados lavradores que cumprimento deram às suas or-

dens formais de representante imediato de Sua Majestade nas terras do Estado do Brasil.

Foram as respostas unânimes; filhas da intimidação e da mentira: não nascera um só cafeeiro! Haviam as sementes perdido a virtude germinativa!

Troveja Sua Excelência, enfurecido contra tão maus vassallos.

Lelamos, porém, o novelista em sua cena capital:

— "Que venham todos à sala (ordena o Vice-Rei), quero saber porque não nasceram as sementes.

Vieram, e com os maus o Capitão Silvestre, da quem o Vice-Rei já estava informado que logo no saquão do palácio botara fora as sementes.

— Por que não plantastes o café que vos dei?

— Plantamos, porém não nasceu.

— Duplicadamente sós criminosos: 1º porque dizeis que plantastes e não nasceu, quando um de vós lançou fora os bagos que lhe dei, e apañados por um soldado que os veio tornar à trazer-me, mandei-os plantar no Passeio Público lá estão vegetando. 2º porque quebrantastes a ordenação do Reino, e as leis do nosso soberano, que mandando que as câmaras e autoridades façam plantar árvores e sementes úteis aos povos, não plantastes estas que vos dei para beneficio vosso mesmo, tanto como do Estado. Recolhei-vos à cadeia.

Cabisbaixos saíram os nobres lavradores para a cadeia, maldizem os do desenostrado cafeeiro, que não esperou sair do palácio para atrair fora os bagos do café.

— Maldito seja o padre Veloso (dizia um) e mais quem lhe trouxe lá do inferno semelhante grumixama.

— Eu tenho que comer na minha casa (dizia outro) tenho minha fazenda, e não careço que me ensinem o que hei de plantar.

— Eu quando venho à cidade trago meus pagens a cavalo com arreios de prata; não é agora o café, que ainda daqui a três ou quatro anos é que se há de colhêr de grão em grão.

— E uma coisa ruim que não presta para nada: deram-me aqui na rua Direita um papelão cheio, que veio da Índia, mandei cozinhar com toucinho e linguiça, amargava, que nem os meus cachorros quiseram comer.

— Isto cada Vice-Rei vem com sua doideira, e a Majestade lá em Lisboa não sabe o que cá se passa."

Tais os comentários irados e sentidos dos pobres hóspedes da Cadeia Velha, ali, precursores dos Incofidentes.

"Com estas e outras queixas zangadas passaram três dias na cadeia.

Causou a sua prisão sussurro na cidade e dêsse e daquele soube-se geralmente que a causa era não terem plantado café, como lhes fora ensinado pelo Vice-Rei.

Isto fez com que alguns industriosos se informassem a respeito dessa cultura, e houve quem, discorrendo, declarasse que o café era uma droga de tanta estima, que, em 1708, durante a guerra de Sucessão, os Franceses Maluciosos (Malunos?) armaram dois navios, e foram buscá-lo diretamente a Moka, donde voltaram carregados e de 1732 até 1734 vendeu a companhia das Índias 75000 libras.

Que em França, os médicos tinham escrito e sustentado muitas teses contra esta nova bebida; e que lá no Oriente fora objeto de discussões ridículas e severamente proibido pelo Muphti supremo intérprete do alco-